Resenha

Contra-hegemonia na imprensa brasileira: a longa experiência do Jornal Pessoal

Counter-hegemony in the Brazilian press:
the long-lived experience of the Jornal Pessoal

John Willian Lopes

Mestrando em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Av. Senador Salgado Filho, 3000, Campus Universitário, Lagoa Nova, 59078-900, Natal, RN, Brasil. johnwillianlopes@gmail.com

VELOSO, M.S.F. 2014. *Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. Belém, Paka-Tatu, 284 p.

É cada vez mais comum a todos o conhecimento de que os meios de comunicação no Brasil são, historicamente, concentrados ao domínio de um reduzido grupo de empresas. Esse exíguo círculo refere-se, hoje, às 11 famílias controladoras da mídia brasileira (Bergamini, 2015), que veicula ou deixa de veicular os conteúdos que àquelas interessam. Essas circunstâncias somadas a outras são munição e gatilho para a emergência de experiências comunicacionais que caminham na contramão do ditame da imprensa tradicional, enraizada no fértil gosto pelo domínio do poder. Dentre essas experiências indisciplinadas à “cautela” da grande mídia está o exemplo paraense, o *Jornal Pessoal*, criado no final dos anos 1980 pelo jornalista Lúcio Flávio Pinto. A trajetória deste jornal é apresentada no livro *Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*, da jornalista e professora Maria do Socorro Furtado Veloso¹, publicado pela Editora Paka-Tatu (2014). Durante cinco anos (2003-2008) o *Jornal Pessoal* foi objeto de

estudo da tese de doutoramento da autora, defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Em sua obra, Socorro Veloso (2014) procura explicar que razões determinam a existência e longevidade de um veículo de comunicação impresso que é produzido por apenas um jornalista, de formato artesanal, que refusa publicidade e é lido por uma minoria, além de sofrer várias campanhas de processos judiciais. Por esta via, procura reconstruir duas décadas de “trajetória daquela que é considerada a mais influente e longa publicação alternativa da Amazônia na atualidade. Trata-se do *Jornal Pessoal* (JP)” (Veloso, 2014, p. 19). A reconstrução dessa experiência entressachasse com o resgate da trajetória do seu editor, Lucio Flávio Pinto, que por meio do seu impresso (JP) explica os acontecimentos sociais partindo de suas várias raízes.

O *Jornal Pessoal* propõe um campo independente para se interpretar a realidade amazônica, de forma a “evidenciar a precariedade

¹ Maria do Socorro Furtado Veloso é jornalista, formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Múltiplos Meios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora pela Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal). É docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN).

do conteúdo fornecido pelas mídias noticiosas dominantes no norte do Brasil” (Veloso, 2014, p. 20). Assim, favorecendo a possibilidade de uma compreensão afora sobre os problemas e desafios diante da região e Estado – diferentemente do poder midiático dominante. Esse aspecto, de operação “à margem e à revelia” da mídia tradicional, que caracteriza o JP como “canal de comunicação contra-hegemônico” (Veloso, 2014, p. 21). Lúcio Flávio Pinto, criador do JP, desde sua inicialização no jornalismo é identificado como um pensador da Amazônia e, por ela, do Brasil. Sua intelectualidade pública materializa-se por meio do *Jornal Pessoal*, nos seus textos de elevado grau analítico, cujo conhecimento aprofundado sobre realidade regional contribui na tessitura da sua argumentação, e na postura ativa frente às constantes e doestas ações judiciais. Fatos que repercutem em várias produções, tanto no âmbito acadêmico quanto no midiático, no país e fora dele.

Veloso (2014) prenuncia no título do livro a delimitação do *corpus* da sua análise, a saber, os 20 anos iniciais (1987 a 2007) do *Jornal Pessoal*. Desta forma, organizou a coleção completa do número 1 ao 400 – e mais uma edição extra publicada no ano 2000 –, realizando em ordem cronológica a leitura integral das edições e o registro dos temas ressaltados nas capas. Além da pesquisa documental do JP, Veloso (2014) realizou a pesquisa bibliográfica de obras de referência sobre o tema do estudo. Outro método utilizado para a coleta de dados foi a entrevista, realizada com Lúcio Flávio Pinto (cinco ao todo) e com outros onze jornalistas, tendo como critério para seleção das fontes as relações profissionais – próximas ou distantes – que estes mantiveram com o editor do JP.

Para estudo e compreensão desses dados a autora valeu-se da análise de conteúdo, posterior à classificação e reagrupamento das unidades de registros em número reduzido de categorias, objetivando “iluminar os grandes temas abordados pelo *Jornal Pessoal* ao longo dos seus 20 primeiros anos de história” (Veloso, 2014, p. 21). A seguir recorreu ao método hermenêutico, com vistas a extrair, pela interpretação, “conhecimentos das unidades selecionadas que pudessem evidenciar a função pedagógica do *Jornal Pessoal* a partir dos campos de interesse de seu editor” (Veloso, 2014,

p. 23), considerando-se a latência de certos aspectos sob as mensagens.

Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007) é dividido em seis partes, a primeira engloba o “Prefácio” e “Apresentação”, e as outras foram divididas em cinco capítulos: “A questão do alternativo no jornalismo”; “Formação do patronato da mídia e as experiências alternativas no Pará”; “Uma carreira forjada entre o poder midiático e os canais dissidentes”; “Jornal Pessoal: a agenda amazônica de Lúcio Flávio Pinto” e por fim “O jornalista e o intelectual: uma análise do agendamento no JP”.

Manuel Dutra, jornalista e professor universitário, ao prefaciando o livro de Veloso (2014), foi bastante preciso ao pontuar que se não fosse a existência do *Jornal Pessoal* a atual geração conheceria muito pouco sobre a Amazônia. São os esforços de Lúcio Flávio Pinto que procuram desnudar as informações que rotineiramente são enrustidas pela mídia tradicional comercial. Essa comunicação pública do JP é, porém, mais bem recebida fora Amazônia, talvez em decorrência do “vezo colonial” que tanto reluta em sair de nós. Preferimos nos perceber por via externa, “atitude atávica tão ao gosto de setores dos grupos de poder descompromissados com a terra onde a contragosto nasceram e/ou onde residem sazonalmente, até a próxima viagem à metrópole” (Dutra, 2014 *in* Veloso, 2014, p. 16). Esse “receio” é também da academia regional ao olvidar a possibilidade de análise dos conteúdos levantados pelo JP e seu editor, cuja atenção é despertada por pessoas e instituições de outras regiões e países – como da Universidade da Flórida, que disponibilizou na internet vários volumes do *Jornal Pessoal* digitalizados, gratuitamente, de 1987 até 2014².

Na apresentação, Socorro Veloso (2014) faz alguns apontamentos sobre as motivações que conduziram a pesquisa – algumas já apontadas aqui –, como o fato de que as ideias de Lúcio Flávio Pinto e seu alternativo não interessam apenas aos pesquisadores de comunicação ou os jornalistas no geral, mas também a estudiosos de outros campos, como geopolítica da Amazônia, ambiental, da própria linguagem, etc. Expõe seu percurso metodológico, conforme apontado, e a estruturação dos capítulos. Veloso (2014) ressalta que quando finalizava

² É possível acessar as edições do JP na página da Coleção América Latina e Caribe da Universidade da Flórida. Disponível em: <http://ufdc.ufl.edu/AA00005008>. Acesso em: 01/06/2016.

os trabalhos de edição do livro, em outubro de 2013, o JP chegava ao número 546. Firme e topando nas adversidades, o *Jornal Pessoal* chegou, em 2016, na primeira quinzena de maio, na edição de número 608.

O primeiro capítulo do livro, “A questão do jornalismo alternativo”, procura percorrer a discussão conceitual sobre o termo “alternativo”, seu uso, e relação que mantém com o campo contra-hegemônico no âmbito do jornalismo. Alternativos são os veículos de mídia “que prezam pelo descomprometimento de sua linha editorial com o poder dominante, operando à revelia de pressões econômicas”, desta forma, o JP pode ser situado na chamada “imprensa alternativa” (Velo, 2014, p. 28). O termo “alternativo”, não obstante, guarda algumas ponderações de vários estudiosos e Velo (2014) traz à luz algumas delas. Máximo Grinberg (1987), por exemplo, considera que todo meio alternativo pode ser pensado como uma opção ao discurso dominante. Portanto, o surgimento dessas vias alternativas de comunicação e informação, como o *Jornal Pessoal*, é “sintoma de processos que se verificam no fundo da vida social, uma tentativa de romper o cerco das estruturas informativas dominantes” (Grinberg, 1987, p. 30-32 in Velo, 2014, p. 34).

O surgimento e organização das empresas de mídia do Pará (jornais impressos), as condições históricas da criação desses jornais e como estão articulados com as instâncias de poder político e econômico, são assuntos abordados em “Formação do patronato da mídia e as experiências alternativas no Pará”, capítulo dois. O surgimento da imprensa no Pará aconteceu com a fundação do jornal *O Paraense*, em 1822, por Felipe Patroni. O ambiente de agitação na província e a crise na estrutura colonial foram o pano de fundo para o surgimento da imprensa local. Nas décadas seguintes, o jornalismo no Pará foi numerosas vezes alvo de repressões, antes e após a instauração da república no Brasil. As disputas se pautavam, principalmente, pelo anseio de domínio do poder político e econômico dos grupos dominantes, que detinham o controle dos jornais. A história do jornalismo moderno no Pará caminha ao lado da mudança de perspectiva dos jornais, que agora tornam-se efetivamente empresas e têm a política como um negócio suplementar. Hoje, a comunicação de massa paraense é dominada por dois grandes grupos, que são as “Organizações Rômulo Maiorana (ORM), pertencentes à família Maiorana, e a Rede Brasil

Amazônia (RBA), do ex-governador Jader Barbalho” (Velo, 2014, p. 45). A mídia paraense não foge à “regra” no país: caracteriza-se pela presença de grupos familiares dominantes e pela aliança com as elites de poder locais.

O capítulo três, “Uma carreira forjada entre o poder midiático e os canais dissidentes”, traça um perfil biográfico do editor do *Jornal Pessoal*, Lúcio Flávio Pinto, ressaltando as influências do pai (Elias Ribeiro Filho), que foi radialista, dono de jornal e político; a formação profissional e as passagens pelas redações em São Paulo e Belém; os embates dos quais logo cedo participava e as experiências com projetos alternativos que antecederam a criação do JP em 1987. Precoce, Lúcio Flávio Pinto aos 16 anos ingressou no jornal *A Província do Pará*, e nos anos seguintes, ao se mudar para o Sudeste, passou por vários jornais, como *Diário de São Paulo*, *Correio da Manhã*, *Veja*, *Istoé* entre outros, período em que ganhou junto com sua equipe o Prêmio Esso de Reportagem, em 1971 – seu primeiro entre vários. Lúcio Flávio, que se formou em Sociologia em 1973, desde cedo primava pelo rigor na apuração e checagem dos dados, aprimorando sempre sua capacidade de “interpretação dos processos que estão na origem dos acontecimentos” (Velo, 2014, p. 84) – isso contribuiu para sua aproximação com a imprensa alternativa, como os jornais *Opinião*, *Movimento*, *Ex* e *Versus*. O tabloide *Bandeira 3* foi sua primeira experiência no Pará em um projeto de jornal contra-hegemônico, combatente ao regime militar e à grande imprensa. De modo geral, ao longo da trajetória Lúcio Flávio Pinto incorpora a condição de intelectual público, que aos poucos “retirou o papel de mediador da informação jornalística, para situá-lo no papel de voz especializada” (Velo, 2014, p. 104, grifo do autor).

O quarto capítulo do livro, “Jornal Pessoal: a agenda amazônica de Lúcio Flávio Pinto”, é dedicado à trajetória ao longo dos 20 primeiros anos do *Jornal Pessoal*, apresentando suas condições estruturais e as quatro fases que atravessou, até 2007 quando completou duas décadas – essas fases são caracterizadas por etapas cronológicas, com base nas interrupções na circulação do jornal, somadas às polêmicas que enfrentou e campanhas promovidas. O JP, que herda referências da experiência alternativa americana *I. F. Stone's Weekly* (1953-1971), “reúne características de forma e conteúdo que remetem a um tipo de imprensa pré-industrial de caráter-político, praticada no século XIX, onde as preocupações de ordem

econômicas eram secundárias” (Veloso, 2014, p. 115). Sobre as condições estruturais do JP aponta-se: o nome – pois o *Jornal Pessoal* é um tipo de *self journalism*, expressão que designa conteúdo noticioso produzido por pessoas privadas (usada também para se referir a blogs jornalísticos na *web*); o formato – o JP que é diagramado em tamanho ofício, A4, e impresso em papel linha d’água, tem como padrão textos de abertura extensos e muito raro veicula fotografias (Luiz Pinto, irmão do editor, é o responsável pela diagramação e ilustração das capas); a linguagem – os textos produzidos por Lúcio Flávio Pinto são menos jornalísticos do que análises argumentativas-especulativas, portanto não se enquadram nas definições clássicas dos gêneros do jornalismo (a presença de fontes e personagens é mínima, são secundários); o financiamento – categoricamente recusa publicidade e depende exclusivamente de seus leitores e da compra nas bancas, ou seja, nega um alicerce da imprensa capitalista.

A partir das reflexões de importantes teóricos, Veloso (2014) expõe ao leitor em “O jornalista e o intelectual: uma análise do agendamento no JP”, quinto e último capítulo, como o jornalista Lúcio Flávio Pinto pode ser pensado no papel de intelectual público, que utiliza o seu *Jornal Pessoal* como aparato de intervenção na realidade social. A manifestação, portanto, dessa intelectualidade pública do editor do JP é feita através das análises que tece sobre o Pará e a Amazônia. Para compreender qualitativamente as análises veiculadas e o agendamento no *Jornal Pessoal*, Veloso (2014) categoriza os assuntos de interesse do jornal de oito formas: cenários políticos, grandes projetos, conjuntura estadual (Pará), conjuntura amazônica, imprensa, escândalos, crimes de encomenda e, por fim, conjuntura municipal (Belém). Em cada subitem da análise, a autora nos corteja com um fragmento que ilustra os posicionamentos de Lúcio Flávio Pinto e o modo como formula suas críticas, bem como nos revela a expressividade numérica das categorias, ou seja, do número de vezes que os temas de interesse aparecem na capa do JP.

Na Conclusão, Veloso (2014, p. 203) assevera que aquilo que explica a longevidade do *Jornal Pessoal* é a “decisão consciente, unilateral e inarredável de Lúcio de dar voz a essa insubmissão”, ou seja, sua indisposição para o apequenamento perante o jogo de interesses que nutre a imprensa hegemônica e os grupos po-

lítico-econômicos que a controla. Lúcio Flávio Pinto pensa e faz do jornalismo uma missão social, cotidiana, trazendo para a agenda o que considera mais relevante, sob um ângulo não contemplado nos jornais locais. O JP nos mostra que a “inexistência de financiamento publicitário é o combustível que alimenta a autonomia do discurso” do seu editor (Veloso, 2014, p. 204). O que predomina é o exercício de uma “função pedagógica” que se materializa na argumentação e análise dos fatos em sua complexidade. O *Jornal Pessoal* atua à margem e à revelia das corporações midiáticas e seus grupos dominantes do (no) Pará. É, pois, uma experiência de imprensa alternativa, contra-hegemônica, que age “com o objetivo de iluminar as contradições que historicamente impedem a Amazônia de escapar à nefasta condição colonial” (Veloso, 2014, p. 203).

Socorro Veloso (2014), hábil e estrategicamente, disponibiliza na parte final da sua obra um rico material para consulta: as manchetes do *Jornal Pessoal* no período de 20 anos e as capas em destaque de cada um desses anos (1987-2007). De forma que permite ao leitor a possibilidade de experimentar não só a análise, mas o próprio objeto investigado, em um fluxo que permite uma dupla observação – da análise da autora e do objeto (ou parte dele). Como se percebe, o *Jornal Pessoal* é, sem dúvidas, um marco na história da imprensa paraense, amazônica, com seus triunfos aqui e lá fora. E a autora, ao pesquisar, registrar, descrever e analisar essa experiência, torna o livro parte substancial para compreensão do que chamamos de imprensa alternativa e contra-hegemônica no Brasil.

Referências

- BERGAMINI, G. 2015. Mídia brasileira é controlada por apenas 11 famílias. Disponível em: <http://www.fncc.org.br/noticias/midia-brasileira-e-controlada-por-apenas-11-familias-924625/>. Acesso em: 31/05/2016.
- DUTRA, M. 2014. Um homem-jornal e sua teimosia. In: M.S.F. VELOSO, *Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. Belém, Paka-Tatu, p. 15-18.
- VELOSO, M.S.F. 2014. *Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. Belém, Paka-Tatu, 284 p.

Submetido: 15/06/2016

Aceito: 28/07/2016